

IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

NAVEGANDO ENTRE PAPÉIS: MATERNIDADE E TRABALHO NA VIVÊNCIA DE TRABALHADORAS DOMÉSTICAS

Sabrina Aparecida Fernandes¹, Thássia Souza Emídio²

¹ Universidade Estadual Paulista - UNESP, sa.fernandes@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista - UNESP, thassiaemidio@unesp.br

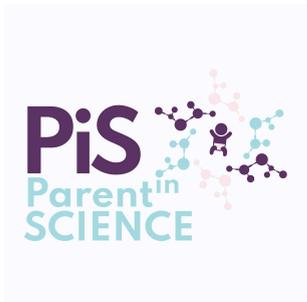
Propósito

Este resumo aborda considerações preliminares de uma pesquisa de iniciação científica em curso na Universidade Estadual Paulista (UNESP), apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O foco do estudo está na interação entre trabalho e maternidade na vida das trabalhadoras domésticas no Brasil. Esta pesquisa visa preencher a lacuna existente na literatura sobre a forma como as expectativas sociais de maternidade impactam a vida das trabalhadoras domésticas, que, em sua maioria, são responsáveis principais pelo sustento familiar

A análise sugere que o ideal cultural de maternidade, profundamente arraigado nas normas socioculturais, não parece ser plenamente realizável para essas mulheres. Muitas trabalhadoras domésticas, frequentemente mães solo ou principais provedoras de suas famílias, enfrentam desafios contínuos ao tentar equilibrar as expectativas maternas com as exigências do trabalho doméstico.

Revisão da literatura

A construção da identidade feminina é um fenômeno complexo que se desenrola através de uma interação multifacetada de fatores socioculturais, econômicos e políticos. Dentro desse contexto, a maternidade e o trabalho emergem como elementos fundamentais na concepção do eu feminino, entrelaçando-se em uma trama intrincada moldada por normas culturais e estruturas de poder patriarcais.

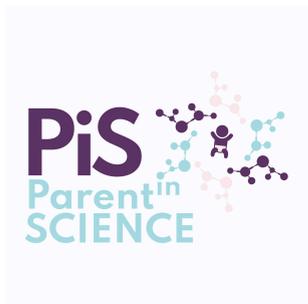


Badinter (1985) destaca a centralidade da maternidade na definição da identidade feminina, enfatizando seu papel na diferenciação entre os sexos e na conferência de uma identidade singular às mulheres. No entanto, a autora critica o mito do instinto materno, argumentando que ele não apenas confina as mulheres ao espaço doméstico, mas também atua como um mecanismo de controle social que perpetua a subordinação de gênero e a divisão do trabalho.

Embora mudanças políticas e sociais tenham sido fundamentais para reintegrar as mulheres ao trabalho remunerado desde o século XVIII até os dias atuais, sua presença no mercado de trabalho contemporâneo transcende as necessidades econômicas, tornando-se um meio de reafirmar e redefinir seus papéis na sociedade. Hirata (2018) ressalta que a maternidade tradicionalmente definida como o ápice da realização feminina, delinea os papéis das mulheres no mercado de trabalho, influenciando suas carreiras.

Contudo, a reintegração das mulheres no mercado de trabalho revela uma problemática profunda: a dificuldade em negociar diversas funções e responsabilidades. Em sua análise, Emídio e Castro (2021) destacam que a inserção feminina no cenário laboral não apenas intensifica desafios preexistentes, mas também perpetua a responsabilidade das mulheres nas tarefas domésticas e nos cuidados familiares. Essa dualidade de papéis reforça uma dicotomia de gênero arraigada, evidenciando as desigualdades persistentes e a complexidade da interação entre o trabalho reprodutivo e a força de trabalho feminina no mercado.

A análise interseccional de Saffioti (2013) examina a divisão do trabalho, destacando a interação entre gênero, raça e classe social como fatores que perpetuam estruturas de exploração e discriminação. Mulheres de classes socioeconômicas empobrecidas e de grupos raciais marginalizados enfrentam uma dupla forma de opressão no sistema capitalista, sendo desvalorizadas profissionalmente e assumindo uma parcela desproporcional de trabalho reprodutivo e doméstico. Essas estruturas de poder são reforçadas nas dinâmicas laborais femininas, como discutido por Hirata (2018), que revela uma complexidade intrínseca no "modelo de delegação" na divisão sexual do trabalho.



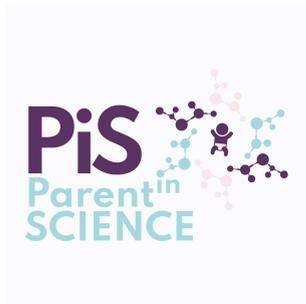
No contexto específico das trabalhadoras domésticas, o "modelo de conciliação" se destaca como a única opção viável, obrigando-as a negociar constantemente as responsabilidades de sustento familiar com os cuidados com os filhos. Esta realidade destaca uma discrepância marcante entre o ideal de maternidade promovido pela sociedade e a realidade prática, onde as expectativas de um cuidado maternal intenso colidem com a necessidade de prover financeiramente para a família.

Além disso, as trabalhadoras domésticas enfrentam estigma ao não se conformarem com a ideia tradicional de "boa maternidade", que associa a mulher ao cuidado constante dos filhos, muitas vezes apoiada financeiramente pelo parceiro. Esta não conformidade pode resultar em julgamentos variados sobre sua habilidade como mãe. A intensa carga de trabalho em empregos domésticos, frequentemente em longas jornadas, agrava essa situação, o que pode impactar o vínculo com seus filhos.

Nesse cenário, a maternidade transcende a esfera pessoal e é moldada por estruturas de poder e desigualdades sociais. Para as trabalhadoras domésticas, enfrentar essas pressões e expectativas sociais enquanto tentam sustentar suas famílias revela uma realidade complexa e desafiadora. É fundamental compreender como essas mulheres experienciam a maternidade em meio a condições socioeconômicas adversas e quais são os impactos das expectativas sociais sobre suas vidas.

Procedimentos metodológicos

O estudo utiliza uma abordagem qualitativa de caráter exploratório-descritivo, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos aspectos sociais e culturais relacionados à maternidade e ao trabalho entre as mulheres participantes. A coleta de dados é realizada por meio de entrevistas semidirigidas, permitindo uma análise detalhada das experiências e percepções das entrevistadas. As entrevistas estão sendo conduzidas ao longo do ano de 2024, com participantes selecionadas por indicação, focando principalmente na região de Assis-SP. O estudo planeja realizar entre 6 a 8 entrevistas, selecionando mulheres de 25 a 45



anos, com pelo menos um filho menor de 18 anos, cuja renda *per capita* seja igual ou inferior a meio salário mínimo, e que estejam engajadas em trabalho doméstico remunerado.

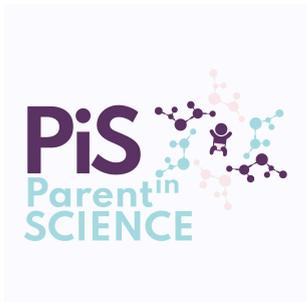
O processo de pesquisa inclui uma revisão da literatura, recrutamento das participantes por amostragem por indicação, e análise dos dados através da Análise de Conteúdo Temática, buscando identificar padrões emergentes. A pesquisa destaca a importância dos símbolos e códigos sociais na compreensão das experiências dessas mulheres (Minayo, 2008).

Resultados

Esta pesquisa tem revelado como a maternidade e o trabalho se entrelaçam na vida das trabalhadoras domésticas no Brasil, destacando os desafios impostos pela incompatibilidade entre as expectativas maternas sociais e as demandas econômicas. A revisão da literatura sublinha que o mito do instinto materno, enquanto construção social, reforça a expectativa de que as mulheres priorizem a maternidade acima de todas as outras aspirações, perpetuando a subordinação feminina e a divisão de gênero no trabalho.

Também, nota-se que as transformações sociais e políticas permitiram uma maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, mas a pesquisa destaca que a participação feminina ainda é marcada por desafios, como a negociação entre trabalho e cuidados domésticos. Assim, as dificuldades dessa relação são amplificadas pela interseção de gênero, raça e classe, resultando em uma situação onde as responsabilidades domésticas e de cuidado muitas vezes são transferidas para trabalhadoras domésticas. Essas trabalhadoras geralmente pertencem a estratos socioeconômicos inferiores e assumem tais responsabilidades para outras mulheres, evidenciando uma complexa dinâmica de delegação de funções reprodutivas dentro da sociedade.

Nos resultados preliminares, foram realizadas entrevistas com duas trabalhadoras domésticas, que destacaram as dificuldades em equilibrar as responsabilidades maternas com as exigências do trabalho. As entrevistas também ressaltaram a importância crucial de uma rede de apoio no processo de maternagem. As participantes, com idades entre 25 e 45 anos,



são as principais provedoras de suas famílias. As reflexões preliminares indicam que a expectativa social de uma dedicação total à maternidade muitas vezes é incompatível com a necessidade econômica de sustento, gerando um constante sentimento de culpa e inadequação. Além disso, as entrevistas evidenciam a precariedade das condições de trabalho, que intensificam esses desafios.

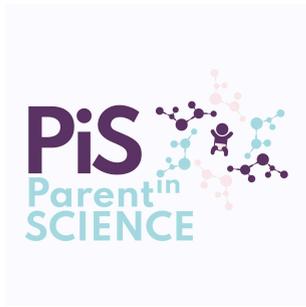
Implicações da pesquisa

Este estudo ressalta a necessidade de mais pesquisas sobre as interseccionalidades de gênero, raça e classe no que tange a vivência de trabalhadoras domésticas no processo de maternagem. Isso inclui estudos qualitativos mais aprofundados, análises comparativas e investigações longitudinais para entender melhor as complexidades dessas dinâmicas. Além disso, as implicações desta pesquisa transcendem o âmbito acadêmico, influenciando diretamente as políticas e práticas que afetam a vida e os direitos das trabalhadoras domésticas no Brasil.

Embora a pesquisa reconheça a importância de políticas públicas que amparem esse processo, é importante reconhecer que elas, por si só, podem não ser suficientes. Como argumentado por Badinter (1985), a idealização da maternidade e as expectativas sociais enraizadas no mito do instinto materno continuam a perpetuar a subordinação das mulheres. Sem uma mudança cultural mais profunda que desafie esses ideais e expectativas, as políticas públicas podem apenas mitigar, mas não eliminar completamente, as desigualdades estruturais que afetam as trabalhadoras domésticas. Portanto, é necessário um esforço contínuo para questionar e transformar as normas socioculturais que sustentam essas desigualdades.

REFERÊNCIAS

- Badinter, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Nova Fronteira.
- Emídio, T. S., & Castro, M. F. de. (2021). Entre Voltas e (Re)voltas: um estudo sobre mães que abandonam a carreira profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-16.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Gonzalez, L. (1984). Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 223-244.

Hirata, H. (2018). Gênero, Patriarcado, Trabalho e Classe. Revista Trabalho Necessário, 16(29), 14-26.

Minayo, M. C. de S. (2008). O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.